



## FORA DO CENTRO: UM ENCONTRO MARGINAL COM SOR JUANA INÉZ DE LA CRUZ

OUTSIDE THE CENTER:  
A MARGINAL ENCOUNTER WITH SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ

William Rezende Quintal\*

Este é um texto deslocado. Está fora do centro mesmo, fala de um lugar que não é próprio e ao mesmo tempo é, de um encontro, de uma intercessão que acontece na alma de quem lê, posso me referir a essa experiência como um horizonte interpretativo à moda gadameriana<sup>1</sup>, só que se parece muito mais com um beijo<sup>2</sup>. Isso acontece porque relatar o encontro com a obra de Sor Juana Inéz de la Cruz (1648-1695) sem se deslocar de onde se está como pessoa não me pareceu ser convincente sem a analogia de um beijo. Simplesmente classificar estilisticamente a obra da Décima Musa e suas referências históricas, seria tirar o gosto do beijo, tomar seus livros mais uma vez, ou escrever com sangue em todas as paredes que ela foi a “pior das mulheres”<sup>3</sup>.

Isso porque a intensidade da vida e da obra dessa mente extraordinária parece tornar qualquer descrição menos apaixonada, um atrevimento infeliz. Sua leitura dá a impressão de exigir disposição para sair do lugar, mesmo sem sair. O desejo intelectual é a libido de toda sua obra, um convite a abstrair-se do próprio tempo, espaço e sexualidade, de onde quer que se esteja, e ir para um outro lugar que é simultaneamente

\* Doutorando em Teologia pelo PPG-EST com apoio da CAPES. E-mail: williamquintal@gmail.com

<sup>1</sup> Para aprofundamentos nesse tema sugere-se: GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1999.

<sup>2</sup> ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2008. p. 61-73.

<sup>3</sup> LAVIN, Monica. **Yo, la peor**. Estado do México: Grijalbo, 2009. p. 333.; DUFORT, Lucía. **El feminismo de Sor Juana Inés de la Cruz**: lecturas modernas de su respuesta. 2011. 40 f. Projeto de graduação – Departamento de Estudos Espanhóis, Portugueses e Latino-Americanos, Stovkholsms universitet, Estocolmo, 2011. p. 8.



particular, transitório e interseccional<sup>4</sup>. A obra sorjuanina desafia noções centralizadas, exclusivistas, binárias, maniqueístas, patriarcais, hierárquicas, coloniais e autoritárias, mas como? Não seria um anacronismo atribuir noções contemporâneas acabadas de sair do forno a uma monja mexicana do século XVII? Sor Juana Inéz de la Cruz era uma monja da ordem de São Jerônimo e entrou para o Convento de Santa Paula em 1669, aos 21 anos. Ali as regras monásticas eram mais flexíveis e podia se dedicar mais intensamente aos estudos, sua verdadeira vocação. Ainda uma pessoa de seu tempo, Sor Juana exibia capacidade cognitiva diferenciada e fazia excelente uso dos recursos privilegiados a que tinha acesso sendo parte da aristocracia mexicana de então<sup>5</sup>.

A potência dessa autora mexicana do século XVII, mergulha quem pensa a teologia e a literatura contemporaneamente desde perspectivas contextuais de gênero, etnicidade e classe, a um lugar de desconcertante humildade. E esse parece ter sido o desafio proposto pelo PPG da EST ao trazer a Profa. Dra. Marilu Rojas Salazar para o seminário especial *Sor Juana Inéz de la Cruz: poética, espiritualidade e resistência aos fundamentalismos religiosos*, em 25 e 26 de maio deste 2023. Sim, falamos de uma desconcertante, mas necessária humildade, não só porque a humildade acadêmica é um valor e recurso raro em nossos espaços de reflexão, mas também porque é necessário reconhecer que desconhecer a teopoética de Sor Juana, significa termos perdido muito, ao não termos subido há mais tempo nos ombros dessa gigante para enxergarmos mais longe e melhor.

É claro que seria violento e presunçoso afirmar que é possível ver o mundo pelos olhos dessa pessoa tão potente, considerada autora da melhor poesia feita nas Américas no século XVII<sup>6</sup>. Mas, o contato com sua obra e biografia, ainda muito timidamente conhecida no Brasil, leva a provocações viscerais e a noções que por vezes são tidas como novidades recentes no âmbito de nossas academias de Letras e Teologia. Quanto mais no âmbito da Teologia, que ainda é, quase quatro séculos depois de Sor Juana, marcadamente androcêntrica e frequentemente aliada a um kyriocentrismo<sup>7</sup> estrutural. Assumir a teologia presente na poética de Sor Juana é, possivelmente, um movimento

<sup>4</sup> ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. São Paulo: Papyrus, 1984. p. 105.

<sup>5</sup> CORRÊA, Mariza. Trampas do traje. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 22, p. 185-200, 2004.

<sup>6</sup> CORRÊA, 2004, p. 185.

<sup>7</sup> OTTERMANN, Mônica. Reflexões de uma “irmã de Lídia”. Considerações, questionamentos e sonhos a respeito do Método “Socio-Histórico Feminista” e da leitura do CEBI. In: NEUENFELDT, Elaine *et al.* **Hermenêutica Feminista e Gênero**. São Leopoldo: CEBI, 2000. (A Palavra na Vida, n. 155/156). p. 57-66. p. 59.



necessário para reestabelecer o vigor de uma teologia que seja legitimamente Latino-Americana, com as caras, as histórias e as contradições que nos unem.

Ainda que reconheçamos a importância de se refletir sobre os corpos desde onde se produzem os discursos, sejam eles corpos oprimidos ou opressores, privilegiados ou desprivilegiados, o contexto do século XVII era distinto e as disputas e mecanismos que operavam nos ambientes intelectuais partiam de noções muito diferentes de hibridismo e globalização que vivenciamos hoje<sup>8</sup>. Por isso, ao pensar-se sobre a obra sorjuanina, de alguma maneira, pode-se supor que ela se antecipava ao iluminismo, por estabelecer uma espécie de distinção entre a intelectualidade e corporeidade e as elaborações de gênero. Por essa razão, aqui procura-se respeitar essa indistinção que ela parece ter buscado estabelecer entre uma inteligência feminina e masculina. Hoje, em tempos que a desigualdade de poder entre homens e mulheres continua a fazer vítimas, ainda é tímida a discussão sobre uma sexualidade que não deseja ser fixada ou determinada por convenções<sup>9</sup>.

Sor Juana desafia a qualquer que se aproxime de sua obra a decifrá-la, e, por isso mesmo, acabou tomando para si o lugar divino das musas no panteão dos homens<sup>10</sup>. Onde, talvez, alguns pudessem imaginar ser possível engarrafar as ideias que não se podem alcançar. Deificar Sor Juana, portanto, acaba que significa também usurpar-lhe a condição humana, a condição de intelectual e mesmo de pessoa que fala a partir de um corpo de fêmea. Em seu contexto, independentemente de seus privilégios de classe, Sor Juana era compreendida por seus pares/competidores como uma criatura humana de segunda categoria. Sor Juana era, portanto, percebida em seu contexto como mulher e, para alguns, a pior delas.

Ao nos confrontarmos com a biografia dessa pessoa do século XVII, podemos ver que de seu lugar foi capaz de antecipar-se a elaborações potentes sobre classe, gênero, raça e colonialidade, que merecem atenção pormenorizada para evitarem-se generalizações injustas. Ao contestar a Teologia do ainda aclamado Pe. Antônio Vieira (1608-1697), Sor Juana<sup>11</sup> exibe uma fluidez e perspicácia metodológica desconcertantes

<sup>8</sup> Para aprofundamentos nesse tema, sugere-se: CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: EdUSP, 2014.

<sup>9</sup> CORRÊA, 2004, p. 196-199.

<sup>10</sup> DUFORT, 2011, p. 24.

<sup>11</sup> Para aprofundamentos nesse tema, sugere-se: SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ. **Carta atenagórica**. [S.l.]: Freeditorial, 2014. Disponível em: <https://freeditorial.com/es/books/carta-atenagorica>. Acesso em: 01 nov. 2023.



ainda em tempos atuais, e uma criatividade da qual a teologia depende para continuar a existir como área do conhecimento<sup>12</sup>. Tal atitude, até hoje, pode ser compreendida como um ato de rebeldia, exibicionismo ou “lacrção”, ferozmente silenciada, “cancelada” e atacada. Mas pessoas que se dedicam ao exercício da intelectualidade frequentemente se sentem chamadas ao confronto de ideias, e se expõe ao que, a quem não se dedica ao pensamento, parece ser um suicídio moral, intelectual, social, institucional<sup>13</sup>. Pessoas que são parte de grupos fragilizados, frequentemente são assediadas e ameaçadas com a exposição de suas “inadequações” morais, seus “pontos fracos”, de maneira a serem expostas como inadequadas às instituições que representam ou para as quais trabalham. Mas essas “inadequações”, na maioria das vezes, não passam de maneiras humanas perfeitamente legítimas de existir que são mais ou menos aceitas ou não pelas institucionalidades o que, por isso, pode tornar essas pessoas alvo de assédio ou chantagem, mentiras e traições<sup>14</sup>.

A violência da qual Sor Juana foi vítima não martirizou seu corpo, mas, nem precisava, pois, como intelectual e religiosa cristã que articulava os conhecimentos das tradições sagradas dos povos mexicanos e europeus, silenciar suas ideias, silenciar seus livros, é algo semelhante à morte. Algo terrível, mas efetivamente inútil contra quem acredita na ressurreição. O maior desafio que o confronto com a teologia poética dessa mente singular trouxe a esse corpo/mente de homem que foi convidado a expor seu relato, é justamente olhar para sua obra como a obra de um corpo humano inteiro e completo que florescia na compreensão do mundo de seu tempo em pleno gozo intelectual. Chamadas e chamados ao prazer que a mente nos oferece pela mediação dos sentidos, a teopoética de Sor Juana pode causar efeitos sinestésicos a quem lê e se apaixona por suas provocações<sup>15</sup>.

---

<sup>12</sup> DUFORT, 2011, p. 10.

<sup>13</sup> MUSSKOPF, André S. **Sanguínea e carvão: arte e teologia no corpo**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2023. p. 18-21.

<sup>14</sup> MUSSKOPF, André S. À meia luz: a emergência de uma teologia gay. Seus dilemas e possibilidades. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, ano 3, n. 32, 2005. ISSN 1679-0316. p. 18.

<sup>15</sup> GUERRERO, Luis Gustavo Meléndez. Sor Juana Inés de la Cruz: discernir las trampas de la fe. **Estudios 123**, Barcelona, v. 15, 2017. p. 78.



## Religi3n

Soy la Relig3n Cristiana,  
que intento que tus Provincias  
se reduzcan a mi culto.

Nesta 3ltima estrofe da *Loa para o divino Narciso*<sup>16</sup>, Sor Juana demonstra que em suas obras ainda 3 capaz de provocar inquieta33es e questionamentos tanto a conservadores quanto a progressistas de nosso tempo. No di3logo iniciado entre a Relig3n, o Zelo e a M3sica, a expans3n colonial e a instrumentaliza3n pol3tica e econ3mica da Relig3n que se confunde com o Estado, denuncia a intenc3o uniformizadora e exclusivista da domina3n colonial. A Relig3n, que acaba por reconhecer-se a Relig3n Crist3, tamb3m afirma sua intencionalidade massacrante de genoc3dio cultural, a redu3n da diversidade a um culto, o seu.

Ao final dos dois dias de encontros intensos com a Dra. Maril3 Rojas Salazar, digerir a experi3ncia e as leituras prof3cuas das obras de Sor Juana me levou a um quase 3xtase, um sil3ncio reflexivo e reverente que n3o costuma ser uma caracter3stica facilmente percept3vel em mim. Projetei-me em sua condi3n, fantasiei-me de Sor Juana, mas a fantasia acabava me empurrando para outro lugar. O lugar dos homens que liam suas obras, que admiravam seu intelecto, mas que, por medo, coniv3ncia ou inveja, eram confort3veis em trat3-la como um capricho da natureza, uma excentricidade curiosa e at3 3til, mas n3o uma igual. Isso porque os estere3tipos de g3nero s3o um escudo que protege e esconde estruturas de poder dentro sedimentadas no discurso teol3gico<sup>17</sup>.

Reconhecer a desproporcionalidade entre a quantidade de poder simb3lico que um homem pode acumular em rela3n a uma mulher, quando realiza o mesmo tipo de trabalho intelectual, pode ser uma experi3ncia bastante constrangedora. Encarar essa realidade injusta 3 uma experi3ncia de tal desassossego, que quase impossibilitou a produ3n deste relato. No jogo de "Super-trunfo" dos privil3gios, Sor Juana possu3a tanto quanto ou mais do que um acad3mico da atualidade possui, em termos de posi3n e influ3ncia, s3 que isso n3o impediu que sofresse humilha33es inimagin3veis a um homem. Assim, parece ser inevit3vel o questionamento sobre a necessidade de uma

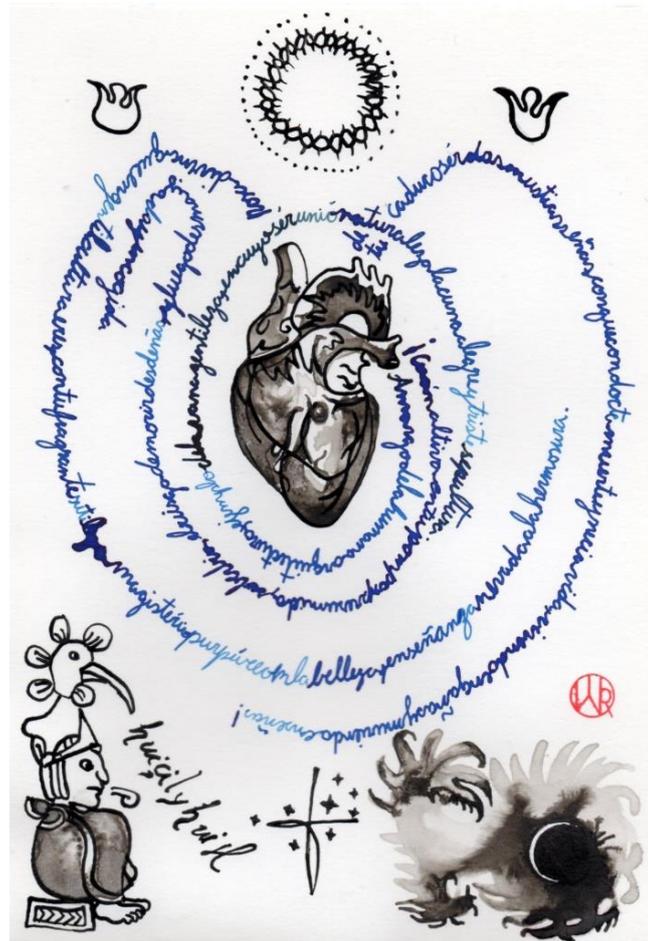
<sup>16</sup> SOR JUANA IN3S DE LA CRUZ. **Poes3as**. [S.l.]: Freeditorial, 2014. p. 09. Dispon3vel em: <https://freeditorial.com/es/books/poesias--4>. Acesso em: 01 nov. 2023.

<sup>17</sup> NEUENFELDT, Elaine Gleci. G3nero e Hermen3utica Feminista: dialogando com defini33es e buscando implica33es. In: NEUENFELDT, Elaine *et al.* **Hermen3utica Feminista e G3nero**. S3o Leopoldo: CEBI, 2000. (A Palavra na Vida, n. 155/156). p. 45-56. p. 47.



mulher ser excepcionalmente mais capaz do que qualquer um de seus pares machos para, só então, e postumamente, ser alçada a um panteão. Nesse sentido, a falta de justiça de gênero é prejuízo a todas as pessoas e deve causar revolta.

Mas por outro lado, a generalização rasa que atribui a seu status aristocrático o mérito do florescimento de seu pensamento, ignora que ela própria por muito pouco não seria condenada à servidão do casamento se não optasse pela vida monástica. Ou seja, seus privilégios a protegeram apenas o suficiente, enquanto outras vozes, pode-se supor, nunca serão ouvidas. Reconhecendo o amargor que fica na boca depois do êxtase, a produção visual que se segue foi uma tentativa de representar a obra e legado de Sor Juana Inéz de la Cruz iconograficamente em um jogo teopoético de imagens mais ou menos herméticas. Essa é, por tanto, minha carta para Sor Juana:



**Fonte:** QUINTAL, William R. **Homenagem a Sor Juana Inéz de la Cruz**, 2023. Nanquim e tina azul bordeaux – 14,8 x 21 cm. Disponível em: <https://www.pulodosapo.com/nanquim?lightbox=datatempli6eoyrh>. Acesso em: 01 nov. 2023.



Nessa imagem, o sagrado coração de Sor Juana representa sua apoteose através da sua teologia erótica, ele bombeia sangue, poesia, teologia. Uma existência encarnada e plena em gozo físico e intelectual. As palavras em azul são contíguas e ininterruptas buscando a ideia de fluxo, sua existência é plena porque é finita e a morte sempre espia de perto quem faz arte. Toda obra de arte é um *“memento mori”*. A coroa de espinhos representa o sofrimento, mas também o reconhecimento da sua autoridade. Os quarenta espinhos representam seus quarenta arguidores na Universidade do México. A coroa é ladeada por duas representações da Ruah, suas almas companheiras, seu protetor e sua amada protetora, o vice-rei e a vice-rainha do México. Abaixo a escuridão que se aproxima, em meio as plêiades o sinal da cruz abençoa sua mais nova estrela, a décima musa do México, levada ao firmamento pelo Sol representado por Huitzilopochtli, o beija-flor do Sul, o Deus supremo, que finalmente a tomou para si. O soneto manuscrito que atravessa a imagem é o seguinte:

En que da moral censura a una rosa, y en ella a sus semejantes.  
Rosa divina que en gentil cultura  
eres, con tu fragante sutileza,  
magisterio purpúreo en la belleza,  
enseñanza nevada a la hermosura.

Amago de la humana arquitectura,  
ejemplo de la vana gentileza,  
en cuyo sér unió naturaleza  
la cuna alegre y triste sepultura.

¡Cuán altiva en tu pompa, presumida,  
soberbia, el riesgo de morir desdeñas,  
y luego desmayada y encogida

de tu caduco sér das mustias señas,  
con que con docta muerte y necia vida,  
viviendo engañas y muriendo enseñas!<sup>18</sup>

Esta é a descrição da imagem, mas seus sentidos são vários, polissêmicos e contraditórios. O monograma, em vermelho, era uma tentativa de assinar a imagem, mas acaba que é também a expressão de um ato falho, meu desejo narcisista de participar dessa comunhão cósmica e erótica, plena de fruição de vida e dor. Minha marca encontrou um lugar perto da noite que avança, tenta roubar um pouco da glória da deusa enquanto a escuridão avança. Que direito nós temos de quereremos ser deuses? No

---

<sup>18</sup> SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ, 2014. p. 06.



entanto, será que não é isso que nos é oferecido ao longo de nossa existência fugaz? Teve uma serpente, talvez mal compreendida, como tantas serpentes que nos apavoram, que disse que ao experimentar o conhecimento não morreríamos mais.

A criação é o ilimitado; não adianta querer mentalizá-la. A mente tem o poder de aprisionar o que deve ser espontâneo, o que deve nascer. Dessa maneira, porém, só consegue atrofiar o movimento criativo. Precisa-se da mente, mas com isso não nos deixamos escravizar por ela; é preciso movimentar o ilimitado, que é nascente, sempre novo; faz-se.<sup>19</sup>

Este relato não se propôs a responder questionamentos dogmáticos, mas sim expor a complexidade da experiência de contato com uma teopoética que nos atravessa e nos desloca, queima como pimenta e nos abraça sensualmente. Em Sor Juana, encontramos uma imaginação teológica que faz falta na contemporaneidade porque é o combustível para hermenêuticas que interpretem o mundo para as pessoas viventes<sup>20</sup>. Olhando mais atenta e detalhadamente para o legado dessa intelectual das Américas, talvez tenhamos muito a aprender e a transformar nas maneiras contemporâneas de se fazer teologia e arte; a nos colocarmos mais frágeis e passíveis de sermos feridos de morte e a vivenciar a dor como parte da vida e até mesmo manifestação dela, porque é em dor que chegamos a este mundo.

## Referências

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. São Paulo: Papyrus, 1984.

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2008.

BUSTAMANTE, Cristina. Teopoética e imaginación a la luz de Paul Ricoeur. In: BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex (org.). **Teopoética: mística e poesia**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Paulinas, 2020. p. 264-267.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: EdUSP, 2014.

CORRÊA, Mariza. Trampas do traje. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 22, p. 185-200, 2004.

<sup>19</sup> OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 22-23.

<sup>20</sup> BUSTAMANTE, Cristina. Teopoética e imaginación a la luz de Paul Ricoeur. In: BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex (org.). **Teopoética: mística e poesia**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Paulinas, 2020. p. 264-267.



DUFORT, Lucía. **El feminismo de Sor Juana Inés de la cruz**: lecturas modernas de su respuesta. 2011. 40 f. Projeto de graduação – Departamento de Estudos Espanhóis, Portugueses e Latino-Americanos, Stovkholms universitet, Estocolmo, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUERRERO, Luis Gustavo Meléndez. Sor Juana Inés de la Cruz: discernir las trampas de la fe. **Estudios 123**, Barcelona, v. 15, 2017.

LAVIN, Monica. **Yo, la peor**. Estado do México: Grijalbo, 2009.

MUSSKOPF, André S. À meia luz: a emergência de uma teologia gay. Seus dilemas e possibilidades. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, ano 3, n. 32, 2005. ISSN 1679-0316.

MUSSKOPF, André S. **Sanguínea e carvão**: arte e teologia no corpo. Rio de Janeiro: Metanoia, 2023.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. Gênero e Hermenêutica Feminista: dialogando com definições e buscando implicações. *In*: NEUENFELDT, Elaine *et al.* **Hermenêutica Feminista e Gênero**. São Leopoldo: CEBI, 2000. (A Palavra na Vida, n. 155/156). p. 45-56.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

OTTERMANN, Mônica. Reflexões de uma “irmã de Lídia”. Considerações, questionamentos e sonhos a respeito do Método “Socio-Histórico Feminista” e da leitura do CEBI. *In*: NEUENFELDT, Elaine *et al.* **Hermenêutica Feminista e Gênero**. São Leopoldo: CEBI, 2000. (A Palavra na Vida, n. 155/156). p. 57-66.

QUINTAL, William R. **Homenagem a Sor Juana Inés de la Cruz**, 2023. Nanquim e tina azul bordeaux – 14,8 x 21 cm. Disponível em: <https://www.pulodosapo.com/nanquim?lightbox=dataltm-li6eoyrh>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ. **Carta atenagórica**. [S./]: Freeditorial, 2014. Disponível em: <https://freeditorial.com/es/books/carta-atenagorica>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ. **Poesías**. [S./]: Freeditorial, 2014. Disponível em: <https://freeditorial.com/es/books/poesias--4>. Acesso em: 01 nov. 2023.

**Recebido em:** 10 nov. 2023.

**Aceito em:** 10 nov. 2023.